



Em sua primeira visita ao Brasil, Mark Shuttleworth falou à Linux Magazine sobre o desenvolvimento do Ubuntu, de novos projetos de infraestrutura de colaboração e, claro, de suas impressões sobre o nosso planeta como “extra-terrestre” por 11 dias.

POR RAFAEL PEREGRINO DA SILVA

Entrevista com Mark Shuttleworth

Apanhador de Sonhos

“**F**ollow your dreams!” – sob a bandeira dessa divisa, o fundador do Ubuntu nos recebeu para um bate-papo descontraído em um hotel em São Paulo. Após viajar pelo Brasil por um mês, conversando com diversos desenvolvedores brasileiros e com uma equipe de desenvolvimento do Ubuntu (e de outros projetos da Canonical) no Brasil, radicada em São Carlos, no Estado de São Paulo, Shuttleworth obteve uma impressão muito positiva do nível técnico e do engajamento das comunidades de desenvolvimento de Software Livre e de Código Aberto no país.

Mas quem é Mark Shuttleworth? Além de ser o primeiro africano no espaço e o segundo turista espacial do mundo – para quem não sabe, Shuttleworth pagou à agência espacial russa 20 milhões de dólares por uma estadia de 11 dias na Estação Espacial Internacional (a ISS), ocasião em que realizou pesquisa genética e biológica para combate à AIDS. Mark foi a primeira pessoa no mundo a cultivar células-tronco no espaço.

No que tange ao Linux e outras tecnologias de código aberto, Mark teve seu *début* em 1995. Desenvolvedor Debian desde 1996, foi mantenedor do pacote Apache dessa distribuição.

Em meados de 1995, com apenas 22 anos, fundou a *Thawte Consulting*, empresa especializada em segurança de transações eletrônicas via Internet. Estima-se que, em dezembro de 1999, apro-

ximadamente 41% de todos os servidores web do mundo oferecendo serviços de e-Commerce usavam um certificado digital emitido pela Thawte, que à época contava com uma equipe de 37 sul-africanos e 20 norte-americanos. No final desse mesmo ano, a Verisign fez uma oferta irrecusável pela Thawte, pagando a Shuttleworth, então com 25 anos, 575 milhões de dólares pela companhia. A transação foi realizada em fevereiro de 2000 e Mark presenteou cada membro de sua equipe – incluídos aí um jardineiro e dois faxineiros – com 100 mil dólares.

Após esse período, ele criou a HBD Venture Capital, uma incubadora de negócios e consultoria de investimentos de risco em tecnologia, bem como a Shuttleworth Foundation, uma entidade sem fins lucrativos dedicada à inovação social, que também financia projetos educacionais na África do Sul. Em 2004 Shuttleworth fundou a Canonical Ltd., empresa responsável, entre outros projetos abertos, pelo desenvolvimento do Ubuntu Linux. Este ano ele fundou a Ubuntu Foundation, que recebeu um investimento inicial de 10 milhões de dólares.

Linux Magazine » Qual a razão da sua visita ao Brasil?

Mark Shuttleworth » Já desejava vir ao Brasil há algum tempo. Acabei aproveitando a oportunidade agora, em razão de diversos projetos que estou desenvolvendo através da Canonical com uma equipe aqui no

Brasil, mais especificamente na cidade de São Carlos, no interior do Estado de São Paulo, onde fiquei por três semanas.

LM » Que projetos são esses?

MS » Na verdade é um projeto dividido em diversos sub-projetos, que visa criar uma infraestrutura de desenvolvimento colaborativo. Veja, hoje em dia temos um sem-número de grupos de usuários, equipes de desenvolvimento dispersas em várias empresas e universidades, além de indivíduos isolados, trabalhando, aprimorando e mesmo criando tecnologias livres no mundo. São pessoas e entidades trabalhando com traduções e implementações de sistemas, correções de erros em programas etc., mas que não têm necessariamente qualquer conexão entre si. Assim, um erro de implementação corrigido no Linux pela Conectiva/Mandriva no Brasil não será necessariamente corrigido ao mesmo tempo no SUSE LINUX na Alemanha. Uma tradução do Gnome Desktop para português no Fedora não está necessariamente no nível da mesma tradução do Ubuntu Linux. Isso é um desperdício de recursos, de capacidade e de inteligência – e o Software Livre veio ao mundo exatamente para resolver isso, já que os códigos fonte dos sistemas e aplicativos são abertos. Mas percebemos que podemos ser muito mais eficientes se houver uma estrutura conveniente de desenvolvimento para os programadores, tradutores e colaboradores em geral, estejam eles em empresas, grupos ou isolados.

LM» Poderia ser mais específico?

MS» Criamos já há algum tempo o Projeto Launchpad [1], escrito em Python, para fornecer exatamente esse tipo de infraestrutura de desenvolvimento colaborativo. Ele é composto basicamente de dois aplicativos web: *Rosetta*, um “framework” de traduções de aplicativos, e *Malone*, um sistema de controle de erros de implementação (*bugs*) centralizado, com o intuito de verificar o status das correções de tais erros nos sistemas de controle de *bugs* dos diversos projetos ou de grupos trabalhando nos mesmos projetos (incluindo aí as empresas), dando aos desenvolvedores melhor visibilidade sobre correções já efetuadas. Além disso, temos uma filosofia de distribuir *bounties*, recompensas em dinheiro, para quem implementar recursos muito desejados ou necessários ou mesmo corrigir *bugs* graves rapidamente.

LM» Quais foram os outros lugares do Brasil você visitou?

MS» Estive em Manaus, visitando a equipe de desenvolvimento do Instituto Nokia de Tecnologia, em São Paulo, Brasília e Porto Alegre. Em São Paulo e Brasília visitei os Telecentros, que achei uma iniciativa muito interessante e promissora. Acredito haver todo um modelo de negócios passível de desenvolvimento com base neles, explorando talentos e recursos locais. A exemplo da nossa filosofia de *bounties*, pequenas quantidades de dinheiro poderiam ser pagas a quem resolvesse problemas mais críticos, o que estimularia o trabalho colaborativo no âmbito do telecentro, que poderia se tornar uma espécie de incubadora de empresas. Ficaria muito feliz em ver uma versão multilíngüe do Ubuntu Linux adaptada para telecentros – um “Telecentrix” [risos] – que pudesse ser usada no mundo todo e adaptada às necessidades de cada comunidade. Nesse particular, achei muito interessante o trabalho desenvolvido pelo governo do Brasil

no Sacix [2] (sistema Linux desenvolvido para os telecentros). Em Brasília estive com o pessoal da Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação.

LM» Na sua opinião, a utilização de Software Livre e de Código Aberto no Brasil é similar àquela que ocorre no exterior?

MS» De certa forma, nesse aspecto, tenho visto realidades similares nos países que visito. Mas em comparação com outros países, como a África do Sul, por exemplo, o Brasil está mais adiantado, pois dispõe de uma visão clara de como utilizar tecnologias abertas para resolver problemas a baixo custo e com qualidade.

LM» Como você vê a indústria do software evoluindo nos próximos dois anos?

MS» Sistemas de código aberto vão evoluir cada vez mais e isso vai tornar mais difícil a vida de quem vive de vender software pago. A indústria do software vai ter que se adaptar. Por outro lado, nós, enquanto desenvolvedores, vamos ter que melhorar nosso desempenho ao criar software de maneira colaborativa. Acho que essa evolução passa por algo como colaboração em tempo real e *Pervasive Internet & Communication*. Vou dar um exemplo: imagine que você esteja trabalhando em uma matéria para sua revista com um outro colaborador, editando um texto no *OpenOffice.org*. Vocês precisam entregar esse texto o mais rápido possível para a equipe de revisão, mas estão em países diferentes. O que vislumbro é que a edição vai ocorrer em tempo real, com vocês editando o mesmo arquivo ao mesmo tempo via Internet. Ambos serão capazes de fazer alterações e de complementar o trabalho um do outro, vendo em tempo real as alterações que estiverem realizando. Para isso, cada um deverá ter um cursor diferente, sistemas de controle de versão de última geração e de armazenamento diferenciado, para que a experiência da criação seja a me-

lhor possível, sem atrasos ou travamentos. Esse tipo de tecnologia vai ter seu berço nas tecnologias livres.

LM» Sabemos que todo mundo faz isso, mas não vamos poupá-lo da pergunta de costume: você pode nos dizer algo sobre a sua estadia no espaço?

MS» [Risos] Foi uma das melhores experiências que eu tive. A Estação Espacial Internacional é bem grande e eu passava a maior parte do meu tempo desenvolvendo os experimentos que tinha me comprometido a fazer, fazendo ginástica para cosmonautas ou flutuando pelos corredores e olhando pela janela. Muita gente fala que ver a Terra de fora é uma experiência religiosa, mas para mim ela serviu para mostrar uma coisa: se Deus existe, ele está na Terra. É incrível ver aquela bola azul imensa boiando no espaço vazio, literalmente pulsando de vida. O espaço escuro ao redor é um tédio. Outra coisa impressionante é a espessura da nossa atmosfera: olhando de fora a gente tem a impressão de que a atmosfera é tão fina que dá até medo de espirrar e soprá-la para o espaço. Meu retorno ao planeta foi uma sensação. A reentrada com a cápsula Soyuz foi mais empolgante do que qualquer passeio de montanha russa. Interessante é que, dois meses após o meu retorno, um modelo novo da cápsula foi colocado em funcionamento, dispondo de um sistema de retrofoguetes que tornam o retorno muito mais suave.

LM» Você pretende voltar ao espaço?

MS» Se eu tiver a oportunidade, pode ter certeza que sim. ■

INFORMAÇÕES

[1] Página do Launchpad na web: launchpad.net

[2] Rafael Peregrino da Silva, *Ensinando a pescar – Entrevista com Beá Tibiriçá*: Linux Magazine Brasil #04, 01/2005, página 93